

ORGANICIDADE NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Brenda Santos de Sousa¹
Stephanie Oliveira Augusto²
Jonhnatan dos Santos Barbosa³
Erivelton Nascimento de Souza⁴

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência em torno de estratégias de auto-organização para a permanência e conclusão do curso de licenciatura em Educação do Campo. Para tal, a partir da abordagem por meio de escrituras, termo cunhado por Conceição Evaristo (2007), evidenciamos a importância da organicidade, articulando com nossas próprias vivências no decorrer do curso, em prol da superação dos desafios enfrentados por professores recém formados em um curso contra-hegemônico. O estudo nos levou a compreender a necessidade de mantermo-nos articulados, ampliando e fortalecendo a rede de personalidades que fazem a Educação do Campo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Organicidade. Egressos.

Introdução

A partir dos desafios enfrentados por nós, professores recém formados em Educação do Campo, temos refletido sobre o sentido e a importância da organicidade estimulada durante o curso. Nesse processo temos experienciado a construção de uma prática coletiva que visa nos mantermos vinculados a este projeto político-educacional como também a repensar a nossa *práxis* pedagógica.

Em tempos, é importante ressaltar que a Educação do Campo é um projeto contra-hegemônico que nasce no seio dos movimentos sociais organizados, principalmente a partir da reivindicação de uma educação de qualidade que leve em conta as especificidades do campo considerando-o como espaço de construção de saberes, de produção de cultura, trabalho e de

¹ Universidade Federal da Bahia- UFBA /Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS/ Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

brendasantos.bs978@gmail.com

² Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC/ Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

soasilva@uesc.br

³ Universidade Federal da Bahia – UFBA/ Programa de Pós Graduação em Educação.

nh.jonh@gmail.com

⁴ Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS/ Programa de Pós Graduação em Educação.

eriveltonnascimento@gmail.com



relações sociais (LIMA; LIMA, 2016). Diversos legados foram conquistados, hoje balizados legalmente, como os referidos cursos de licenciatura em Educação do Campo a partir do decreto de nº 7352 de 2010 que, dentre outras coisas, versa sobre a obrigatoriedade da União ofertar acesso à educação superior, com prioridade para a formação de professores do campo (BRASIL, 2010).

Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo hoje se encontram espalhados em diversas universidades federais pelo Brasil, e atendem a milhares de sujeitos, em sua maioria camponeses. De acordo com Molina (2015), uma das principais características desta licenciatura é a modalidade da alternância, como uma possibilidade de manter o vínculo entre o espaço da academia e da comunidade oriunda dos estudantes e a matriz curricular que leva em conta, sobretudo, o eixo de formação sócio-política.

Outra característica que precisamos destacar, portanto, é a consideração da organicidade como uma estratégia que fortalece e prioriza o protagonismo dos sujeitos no contexto educacional e social (CALDART, 2004). A organicidade incorporada na Educação do Campo é inspirada nas práticas dos Movimentos Sociais de luta pela terra e nas teorias da auto-organização da escola do trabalho (BEGNAMI; ANTUNES-ROCHA, 2019). Dessa forma, desde o princípio, este movimento reivindica que o processo de formação docente deva priorizar a formação humana dos educadores para que eles se coloquem enquanto agentes participativos na construção de um novo projeto de desenvolvimento para o país e para o campo (MOLINA; HAGE, 2015).

Diante disso, compreendemos que um egresso ou uma egressa da Educação do Campo mantém a responsabilidade de continuar se mobilizando para além dos muros da escola e da universidade. Alguns estudos (BRITO, 2017; SANTOS; ANTUNES-ROCHA, 2018) tem se debruçado a investigar dimensões em torno dos egressos, trazendo muitos dados importantes, como perfil socioeconômico, ligação com o movimento social, atuação profissional, dentre outros.

Cientes que nossas reflexões têm ressoado na prática e que, ao mesmo tempo, é necessário não nos atermos apenas às nossas singularidades, o que pretendemos aqui, parafraseando Lukács (1978) de uma maneira bastante própria, é esboçar tessituras que vai da particularidade à universalidade, mas que também faz o caminho contrário.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência em torno de estratégias de auto-organização para a permanência e conclusão do curso de licenciatura em Educação do Campo. Para tal, seguimos inspirados no modelo de pesquisa ensaio teórico (MENEGHETTI, 2011), em que analisamos as principais referências da área de Educação do Campo sobre organicidade e articulamos com nossas próprias vivências enquanto egressos deste curso. Temporalmente nos situamos a partir da vigência do decreto nº 7352 do ano de 2010 que versa sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária –Pronea.

Ao considerar nossas vivências neste estudo, nos apoiamos nas escrituras de Conceição Evaristo (2007), pois esta nos permite redigir sobre nossas experiências organizativas, demonstrando o lugar de potência de vozes por vezes silenciadas e subalternizadas com um toque de poesia. Segundo Oliveira (2009), uma importante característica deste tipo de abordagem é a dimensão estética da construção retórica e a representação do corpo como ato de resistência. Escrever, neste sentido, significa narrar vivências particulares, mas que, ao mesmo tempo, representa experiências coletivas.

Escrevendo

Semanas depois chegaram as primeiras nuvens de chuva, e da terra subia um frescor que os trabalhadores chamavam de ventura. Diziam que poderíamos cavar um pouquinho o barro seco para sentir que a umidade iria chegar, para sentir a terra mais fria. Era sinal de que o tempo de estiagem estava findando. (VIEIRA-JUNIOR, p. 94, 2019)

Quem é nordestino e vive no campo sabe a maravilha que é sentir os sintomas de chegada da chuva depois de um longo período de estiagem. O cheiro de terra molhada, o barulho das gotas enchendo os baldes na goteira e a delícia de sentir a ansiedade de ver os riachos “sangrarem”. Essa sensação é incomensurável para quem vive na cidade que por vezes só nota a chuva se precisar sair.

Em nossa trajetória durante o curso da Educação do Campo, partilhamos com outros sujeitos que entendem a alegria de sentir a chegada da chuva, a construção do entendimento entre os aspectos biológicos, químicos e físicos da existência da seca no semiárido do Nordeste, mas também os aspectos históricos, políticos e sociais da falta de pão na mesa durante a estiagem que nossos avós, pais e alguns de nós vivenciamos.

A Stephanie, o Jonhnatan e o Erivelton vieram da terra dos diamantes, mais especificamente da cidade das grutas (Iraquara-Ba), desbravar o território do Portal do Sertão através do campus novo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, também chamado de CETENS (Centro de Ciências Tecnologia em Energia e Sustentabilidade).

Em uma cidade distante de casa, sem dinheiro e sem morada cada um trouxe na bagagem a aspiração de transformar o seu futuro, o que não era muito diferente da realidade de outros ledoquianos pelo Brasil. Hage, Silva e Brito (2016), por exemplo, ao desenvolver um estudo sobre os desafios da consolidação da Educação do Campo no Pará relatou as dificuldades de permanência dos estudantes em detrimento a distância das suas comunidades de origem e o espaço da universidade.

Mas nos primeiros semestres foi até fácil, fora a saudade de casa, tinha refeição, tinha acomodação, tinha bolsa. Logo depois as dificuldades foram aparecendo, com algumas canetadas acabaram com o Pronera¹, reduziram o Bolsa Permanência², congelaram os investimentos em educação e saúde por vinte anos³. É golpe! E agora como é que “forma”?

Como filhas e filhos de agricultores, existir e resistir em um ambiente acadêmico é uma luta diária, a caminhada é árdua durante todo processo. Assim, em vista de prosseguir no curso após os cortes e congelamentos em 2016, acampar, por meio do movimento Ocupa CETENS⁴, e ocupar espaços ociosos no campus da universidade foi estratégia de luta para permanência no curso, principalmente para aqueles que residiam em territórios distantes do campus. Nossas reivindicações eram em busca de políticas de permanência estudantil. Acampar na universidade, vender rifa, se manifestar, ir pra ruas: “TIRA A MÃO DA MINHA FEDERAL”, esse foi o resultado.

Apesar de não termos êxito no cenário da política nacional, pois foi aprovado o congelamento de gastos, como legado dessas batalhas travadas, conquistamos uma residência Universitária na instituição e uma casa estudantil a nível municipal, aqui nos reportamos, especificamente, à Iraquara. Conquista essa, graças às parcerias entre estudantes e sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Iraquara.

¹ Ver Decreto Nº 10.252/2020, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10252.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2010.252%2C%20DE%2020%20DE%20FEVEREIRO%20DE%202020&text=Aprova%20a%20Estrutura%20Regimental%20e,comiss%C3%A3o%20e%20fun%C3%A7%C3%B5es%20de%20confian%C3%A7a>.

² Ver:<<https://www.brasilefato.com.br/2018/06/07/temer-corta-bolsas-de-estudo-de-indigenas-e-quilombolas/>>.

³ Ver PEC 55/2016, disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>>.

⁴ Ver página virtual do movimento, disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacetens>>.



E eu que vim do município mais negro do Brasil⁵ chamado Antônio Cardoso, de uma comunidade remanescente de quilombo, não sabia o que era ser quilombola. Descobri a minha negritude na Universidade. Olhando minhas colegas se libertarem, armarem suas coroas, a se organizarem, a questionarem. Juntamente a outras pessoas engajadas ajudei a fundar o primeiro coletivo de estudantes negros e quilombolas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

E foi assim que a turma de Stephanie, Jonhnatan, Erivelton e também minha se formaram, graças à união que nos forçaram a entender a importância da organicidade, devido às contingências que atravessam nossos corpos a partir do nosso lugar social. E agora depois que “forma” como é o mundo aqui fora? Muitos se perguntariam: O que acontece quando saímos da caverna do dragão?

Considerações Finais

Na condição de professores recém-formados destacamos que uma série de desafios são enfrentados por ledoquianos de todo o país, apesar de já existirem importantes indicativos da função social que este curso tem desempenhado, apresentados por estudos de riquíssimo rigor e qualidade. Dentre esses desafios ainda enfrentados estão a inserção no mercado de trabalho na área para que fomos formados, o que tem se agravado em um cenário de pandemia e crise econômica.

Por fim destaca-se a necessidade em mais trabalhos que apontem/relatam a auto-organização e a sua importância para os licenciandos, uma vez que, esta é uma característica forte entre os povos do campo, e, conseqüentemente em estudantes deste meio, que almejam fazer a diferença enquanto seres que historicamente tiveram seus direitos negados que lutaram, e ainda lutam, para conquistar acesso aos esses direitos.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro recebido por meio das bolsas.

REFERÊNCIAS

⁵ O município de Antônio Cardoso possui o maior percentual de pessoas que se declaram negras entre os municípios brasileiros, segundo o último censo do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/antonio-cardoso/pesquisa/23/24248>>.

BEGNAMI, J. B.; ANTUNES-ROCHA, M. I. Gestão democrática na Educação do Campo: a organicidade como possibilidade de protagonismo dos estudantes. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 4, p. e6139-e6139, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Presidência da República. Decreto no 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Diário Oficial da União, Brasília, 4 nov. 2010.**

BRITO, M. M. B. Formação de professores na perspectiva da epistemologia da práxis: análise da atuação dos egressos do curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília. 2017. 348 f., il. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2004.

CONCEIÇÃO, E. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições**, p. 16-21, 2007.

HAGE, S A. M.; SILVA, H. S. A.; BRITO, M. M. B. Educação superior do Campo: desafios para a consolidação da licenciatura em Educação do Campo. **Educação em Revista**, v. 32, n. 4, p. 147-174, 2016.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

LIMA, A. S.; LIMA, I. M. S. Os Conteúdos Matemáticos e as Realidades dos Alunos Camponeses: que articulações são realizadas pelos professores que atuam em escolas do campo? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)** 2016.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

MOLINA, M. C; HAGE, S. Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, n. 55, p. 145-166, 2015.

OLIVEIRA, L. H. S. “Escrevivências”: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. v.17-B, p. 85-94, 2009.

SANTOS, E. V. **Representações sociais de egressos da Licenciatura em Educação do Campo da FAE/UFMG sobre o campo**. 175 f. 2019. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2018.



III Congresso Internacional
V Congresso Nacional

25 a 28
Agosto 2021



VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.